

Escrituras com imagens: palimpsesto, tempo e cidade

Writing with images: palimpsest, time and city

Felipe da Silva Rodrigues¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Rio Grande do Sul
felipe.editoracao@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3646-7641>

César Bastos de Mattos Vieira²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Rio Grande do Sul
cbvieira.1963@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5518-6194>

Recebido em: 15 de dezembro de 2023

Aceito em: 21 de novembro de 2024

¹Mestre pelo Programa de Desenvolvimento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR/UFRGS), Brasil. Bolsista PROEX/CAPES. Bacharel em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (FAMECOS/PUCRS). Pesquisador Associado do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/UFRGS) e do Grupo de Estudos e Documentação em Urbanismo (GEDURB/UFRGS). <https://lattes.cnpq.br/8171419229468738>

² Professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professor convidado do Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR/UFRGS). Doutor em Arquitetura no Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPAR/UFRGS). Mestre em Comunicação e Informação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). Graduado em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). <http://lattes.cnpq.br/6677954229372128>

Resumo

Este artigo apresenta uma forma experienciar, pesquisar e registrar a cidade a partir de escrituras com imagens. O artigo se desenvolve na articulação dos campos da antropologia urbana e da fotografia, junto a uma abordagem fenomenológica e etnográfica, traz o processo de refiguração de palimpsestos urbanos na cidade de Porto Alegre/RS, Brasil. Palimpsestos, os quais já se encontram presentes na cidade e são explicitados a partir da superposição de fotografias, do passado e do presente. No artigo, a partir da descrição da reprodução de fotografias antigas da cidade, tem-se a descrição/decifração do tempo acumulado na cidade. Deste modo, as escrituras com imagens se caracterizam como uma remontagem do tempo, que nem sempre está visível, mas que segue presente na cidade.

Palavras-chave: Antropologia Urbana; Fotografia; Tempo; Palimpsesto.

Abstract

This article presents a way to experience, research and record the city using scriptures with images. The article develops in the articulation of the fields of urban anthropology and photography, together with a phenomenological and ethnographic approach, brings the process of refiguration of urban palimpsests in the city of Porto Alegre/RS, Brazil. Palimpsests, which are already present in the city and are explained through the superposition of photographs, from the past and present. In the article, based on the description of the reproduction of old photographs of the city, there is a description/decipherment of the accumulated time in the city. In this way, the writings with images are characterized as a reassembly of time, which is not always visible, but which is still present in the city.

Keywords: Urban Anthropology; Photography; Time; Palimpsest.

Introdução

Esse texto apresenta reflexões e inquietações surgidas no decorrer da elaboração da dissertação de mestrado³ em planejamento urbano e regional. A dissertação propõe o desenvolvimento de um método para o estudo das cidades. partir da utilização de imagens de um mesmo lugar, no passado e no presente. Essas fotografias, posteriormente, ao serem superpostas, resultam na refiguração de um palimpsesto fotográfico urbano, *escrituras com imagens*.

O palimpsesto que em grego significa “raspado de novo”, ou seja, representa o ato de se apagar uma escrita para sobrepor uma nova reescritura na mesma superfície. Porém, “o processo de apagamento, por descoloramento e raspagem da escrita anterior, geralmente não se dava perfeitamente e ela reaparecia, ainda que mais fraca, sob a nova escrita, como uma escrita fantasma” (Cauduro, 2000: 135). Assim, o apagamento não se dá de forma completa, sempre sobram alguns rastros ou vestígios de tais escrituras. O território pode ser entendido como um palimpsesto (Corboz, 2009)⁴, pois mesmo em constantes remodelações segue sobrecarregado de traços e leituras do passado.

Sob essa perspectiva, o território recupera a sua dimensão temporal de longo prazo e permite que ele possa ser percebido quase que de um modo arqueológico, estratificado, composto por camadas de tempo. Logo, surge a necessidade de uma “raspagem” para a leitura dessas camadas superpostas, tal qual em um palimpsesto. Correlacionando o território à cidade, um olhar sensível é necessário para que se possa enxergar os rastros de escritas e transformações praticadas nos espaços urbanos. Na busca para se enxergar o que nem sempre vê, a cidade se apresenta como um palimpsesto

O palimpsesto pode servir de metáfora para designar os sucessivos processos de transformações, no transcorrer do tempo, que acabam por configurarem a forma das cidades. “A forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade, e existem muitos tempos na forma da cidade” (Rossi, 2001: 57). A cidade, resultante de uma dinâmica

³ Escrituras com imagens: refigurando os palimpsestos fotográficos urbanos de Porto Alegre/RS como uma proposta de método para a leitura da cidade. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/266265>

⁴ *Le territoire, tout surchargé qu'il est de traces et de lectures passées en force, ressemble plutôt à un palimpseste. Pour mettre en place de nouveaux équipements, pour exploiter plus rationnellement certaines terres, il est souvent indispensable d'en modifier la substance de façon irréversible. Mais le territoire n'est pas un emballage perdu ni un produit de consommation qui se remplace. Chacun est unique, d'où la nécessité de « recycler », de gratter une fois de plus (mais si possible avec le plus grand soin) le vieux texte que les hommes ont inscrit sur l'irremplaçable matériau des sols, afin d'en déposer un nouveau, qui réponde aux nécessités d'aujourd'hui avant d'être abrogé à son tour. Certaines régions, traitées trop brutalement et de façon impropre, présentent aussi des trous, comme un parchemin trop raturé: dans le langage du territoire, ces trous se nomment des déserts.* (Corboz, 2009: 87).

urbana, está em constante processo de construção, desconstrução e reconstrução. A atual forma que a urbe apresenta, nada mais é do que o acúmulo de distintas formas superpostas umas sobre as outras.

Da mesma maneira, na cidade de Porto Alegre/RS, Brasil é possível a observação de fragmentos dos processos de modificações urbanas, mesmo que superpostos, na forma da cidade atual. David Harvey aponta para a influência do pós modernismo na cidade e no projeto urbano, a qual, segundo o autor, cultiva “um conceito do tecido urbano como algo necessariamente fragmentado, um “palimpsesto” de formas passadas superpostas umas às outras e uma ‘colagem’ e usos correntes, muitos dos quais podem ser efêmeros” (2008: 69).

A superposição reforça a ideia do tempo depositado nos espaços das cidades como camadas, segundo Gaston Bachelard, “o espaço retém o tempo comprimido” (1996: 202), porém não os sobrepõe (soterra), e sim superpõe, pois, algumas camadas de baixo seguem expostas, perceptíveis, ainda hoje, na forma das cidades, o que “incita ao trabalho de um desfolhamento, de uma espécie de arqueologia do olhar, para a obtenção daquilo que se encontra oculto” (Pesavento, 2004: 26).

Para o registro dessa dinâmica urbana, a fotografia se apresenta como um dos modos capazes de acompanhar as modificações na conformação da cidade. A fotografia, desde sua origem é eminentemente urbana (Rouillé, 2009: 43)⁵, sendo a cidade, imóvel, a sua primeira modelo⁶. Entretanto, as fotografias, do passado ou do presente, por serem fragmentárias, tanto por representarem apenas parcelas da cidade – recortes –, quanto por serem o congelamento de instantes, podem ser consideradas também como camadas de tempo, estratos, pois registraram a forma da cidade em um determinado momento.

Desse modo, ao se colocar uma fotografia do presente por sobre uma fotografia do passado, utilizando um software de edição de imagens, o *Adobe Photoshop*, e retirar

⁵ André Rouillé afirma que: A fotografia é urbana primeiramente pela sua origem: surgida ao mesmo tempo que as cidades modernas, desenvolveu-se nelas – mais nas grandes do que nas pequenas. A fotografia é igualmente urbana pelos seus conteúdos – monumentos, retratos ou nus, clichês científicos ou de polícia, de canteiros de obra ou de acontecimentos, etc. –; a maioria das imagens tem a cidade como cenário. [...] A fotografia é ainda urbana porque, muito cedo, lógicas implantadas na cidade motivaram as escolhas técnicas propiciadoras da nitidez e da precisão. da imagem, e os esforços empreendidos para aumentar sua rapidez. (2009, p. 43)

⁶ Um registro feito da janela superior da casa para o pátio é considerado a primeira fotografia. Realizado pelo o cientista francês Joseph Nicéphore Niépce em 1826. O Registro foi produzido ao expor uma placa revestida de betume numa câmara escura, durante várias horas, no parapeito da sua janela. <https://www.nationalgeographic.com/photography/article/milestones-photography>. Acessado em 16/05/2023

50% da opacidade da fotografia do presente, deixando-a translúcida, é possível enxergar o que está “por de baixo” da atual forma da cidade. Esse procedimento digital se configura como uma refiguração⁷ de um palimpsesto urbano a partir de fotográficas. Uma reescritura do tempo com imagens do que já estava escrito na cidade⁸, explicitando as metamorfoses nos espaços urbanos, através de imagens. Não com a intencionalidade de se fazer um antes e um depois das transformações desses espaços. E sim, trazer uma outra perspectiva ao evidenciar o que segue do antes ainda presente no depois, bem como ressaltar o que do depois já aparecia no antes a partir da refiguração dos *palimpsestos fotográficos urbanos*.

Nesta medida, a cidade, enquanto materialidade, é palimpsesto de formas, que remetem à imagem arcaica do tecido ou trama na qual se superpõem várias camadas, mais ou menos aparentes, se não invisíveis de todos. Igualmente, se as formas se alteram, transformadas pelo tempo que se assenhora do espaço, a função também muda de forma evidente. A Cidade é, sobretudo, exibição da marca do homem num universo mutável, e as sociabilidades antigas sedem lugar às novas. Os prédios tornam-se espaço de novos usos ou, no mais das vezes, as edificações preservadas como patrimônio a zelar, seguem o destino de transformar-se em centros culturais, adaptando-se a novas funções e usos. [...] É preciso ressuscitar o implícito e o invisível à superfície, desenterrando aquilo que não mais se vê: o sugerido, o intuído e pressuposto, o transformado, o desaparecido e o lacunar, o ausente. A cidade, enquanto espaço construído, é também significado, valor e entendimento que teve um dia seu sentido construído e fixado pelos homens. Tais sentidos do passado são como enigmas ou segredos que é preciso decifrar, pois fizeram daquele espaço um lugar- um espaço dotado de sentido - que tinha a sua inteligibilidade em correspondência história com o tempo. (Pesavento, 2004 :27).

Assim, abrem-se outras possibilidades de se ver a cidade. Não apenas a contemplação de uma cidade imóvel no passado, tão pouco, somente a cidade no presente, muito menos uma dicotomia entre duas cidades em tempos distintos. E sim, uma única cidade em sua dinâmica e ritmo temporal, para além dos instantes congelados nas fotografias. “Superposição de tempos em um mesmo espaço, eis o palimpsesto tornado cidade; junção do cognitivo com a imaginação criadora” (Pesavento, 2004: 28). Uma cidade *palimpséstica*.

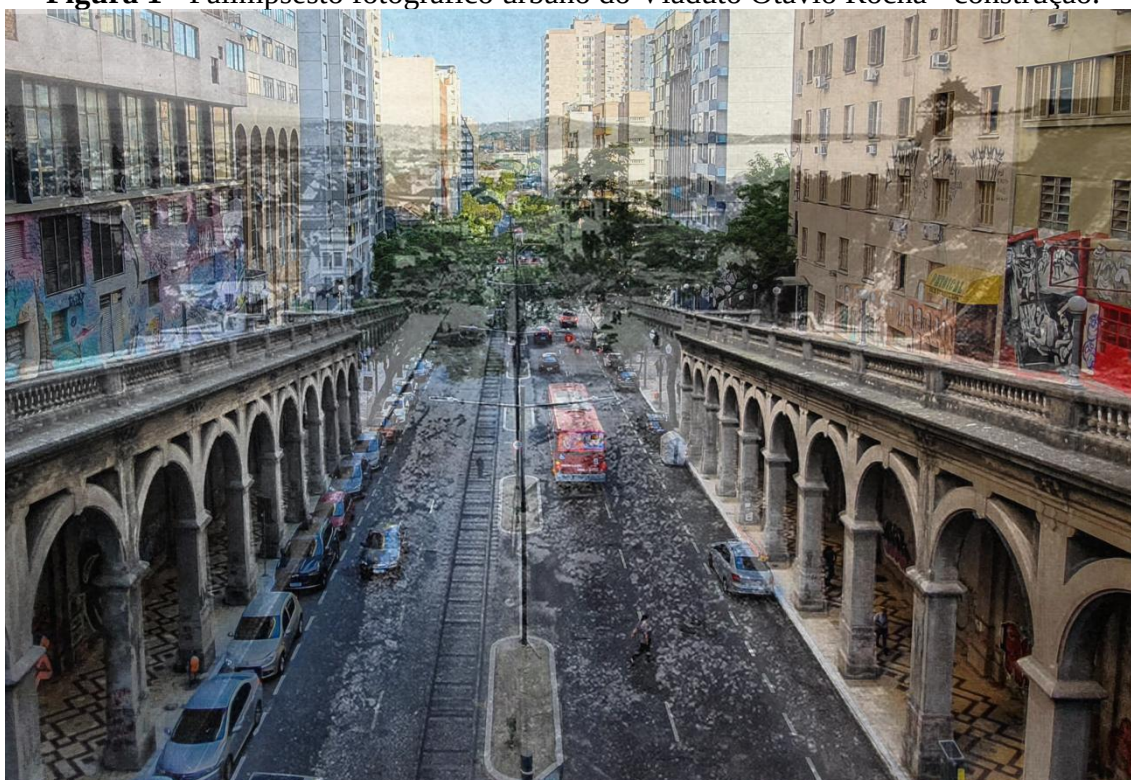
⁷ Paul Ricoeur apresenta o conceito de refiguração: “Proponho-me a desimplicá-los do ato da configuração textual e de mostrar o papel do mediador desse tempo da tessitura da intriga entre os aspectos temporais prefigurados no campo prático e a refiguração da nossa experiência temporal por esse tempo construído. Seguimos, pois, o destino de um tempo prefigurado em um tempo refigurado, pela mediação de um tempo configurado”. (Ricoeur, 1995: 87).

⁸ Paul Ricoeur faz uma analogia entre a arquitetura e a narrativa: “una analogía: un estrecho paralelismo entre arquitectura y narratividad: la arquitectura sería para el espacio lo que el relato es para el tiempo, es decir, una operación «configuradora»; un paralelismo entre, por un lado, el acto de construir, es decir, edificar en el espacio, y, por otro lado, el acto de narrar, disponer la trama en el tiempo” (2003: 11).

Desenvolvimento

Roma como modelo e ficção. Roma sobretudo como objeto paradoxal, como figura insustentável: ao mesmo tempo Ruína (a própria Ruína, acúmulo de camadas históricas, sedimentação, estratificação - todos os tempos da história sobrepostos num mesmo e único lugar, mas sempre sob forma de fragmentos, mais ou menos destruídos, estragados, incompletos, Roma como farrapo eclodido da História) e ao mesmo tempo Roma Cidade Eterna (a própria imagem da Perenidade, o imaginário da conservação integral através do tempo). Por um lado, a realidade: restos, traços parciais, ausências, buracos; por outro, o fantasma: o sonho impossível da manutenção de tudo em seu lugar, integralmente-. Roma como um imenso palimpsesto arqueológico. (Dubois, 1998: 319)

Figura 1 - Palimpsesto fotográfico urbano do Viaduto Otávio Rocha - construção.



Fonte: Felipe Rodrigues, 2022.⁹

A cidade de Porto Alegre/RS, Brasil também se apresenta como um palimpsesto (Figura 1). A partir de *escrituras com imagens* é possível notar um embaralhamento nas reapresentações da cidade. Quase uma soma de seus tempos, resultando em um “agora”. O traçado da Avenida Borges de Medeiros segue sendo o mesmo, os arcos do Viaduto Otávio Rocha continuam quase iguais, porém a vista em direção à Zona Sul de Porto Alegre, não. Ela se oculta por de trás das edificações, aparece marcada nos prédios, tal como os casarios e o Guaíba. Uma imagem “fantasmagórica” surge. Uma nova

⁹ Link: <https://www.acervosbiev.com/colecoes-fotograficas/palimpsesto-avenida-borges-de-medeiros/>

reapresentação da cidade, memória em devir. “E toda realidade da lembrança se torna fantasmagórica” (Bachelard, 1996: 235).

Walter Benjamin, em uma de suas passagens diz: “A fantasmagoria é o correlato intencional da vivência” (2009: 843). As vivências e as realidades da lembrança do passado seguem inscritas, mesmo que nem sempre visíveis, na forma atual da cidade e a *escritura com imagens* realça essas inscrições, que agora podem voltar a serem lidas por quem vivencia e pratica a cidade.

O flâneur é um desenraizado. Ele não se sente em casa nem em sua classe, nem na sua cidade natal e sim apenas na multidão. A multidão é o seu elemento. A multidão londrina em Engels. O homem da multidão em Poe. A fantasmagoria do flâneur. A multidão como véu através do qual a cidade familiar transparece metamorfoseada. A cidade como paisagem e aposento. A loja de departamentos é a última passarela do flâneur. Lá materializaram-se suas fantasmagorias. (Benjamin, 2009: 983)

A cidade é contenedora de uma acumulação de tempos. Camadas passíveis de serem registradas em imagens que revelam como ela foi, como ela é e, talvez, como ela será. Philippe Dubois ressalta que “entre olho e memória, entre olhar e pensamento, entre visibilidade e latência, bate a foto. Com toda a força, bate as asas, vai e vem, escorrega incessantemente de um ao outro. Ainda palimpsestos” (1998: 330). A fotografia como uma ferramenta de reapresentação, não apenas da forma, mas também do tempo na cidade. “Uma foto não passa de uma superfície. Não tem profundidade, mas uma densidade fantástica. Uma foto sempre esconde outra, atrás dela, sob ela, em torno dela. Questão de tela. Palimpsesto” (1998: 326).

Figura 2 – Abertura do Viaduto Otávio Rocha, autoria desconhecida, Porto Alegre, década de 1930.



Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo.

Figura 3 - Viaduto Otávio Rocha, Porto Alegre, 2022.



Foto: Felipe Rodrigues, 2022.

Deste modo, torna-se um grande desafio estar na cidade com o intuito de captar fragmentos de sua forma e do seu tempo, camadas. Ainda mais tentando replicar um ponto de vista do passado em um determinado lugar da cidade (Figura 2 e Figura 3).

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma condição de estabilidade. (Certeau, 1998: 201).

A configuração, mesmo que momentânea, das posições dos elementos no espaço, o que implica na condição de estabilidade, é o que permite que seja possível de se retratar esses lugares no presente. Apesar de Michel de Certeau ressaltar a impossibilidade de “duas coisas” ocuparem o mesmo lugar no espaço ao mesmo tempo, há a possibilidade de que em tempos distintos “duas coisas” ocupem um mesmo lugar no espaço. “Em suma, o espaço é um lugar praticado”. (Certeau, 1996: 202). Essas práticas configuradoras dos espaços serviram, tanto para a escolha das fotografias do passado, quanto como guia para se retratar as perspectivas de outros fotógrafos. E assim, a fotografia de cidade¹⁰ foi posta em prática para se refotografar as imagens do passado.

O fenômeno Urbano

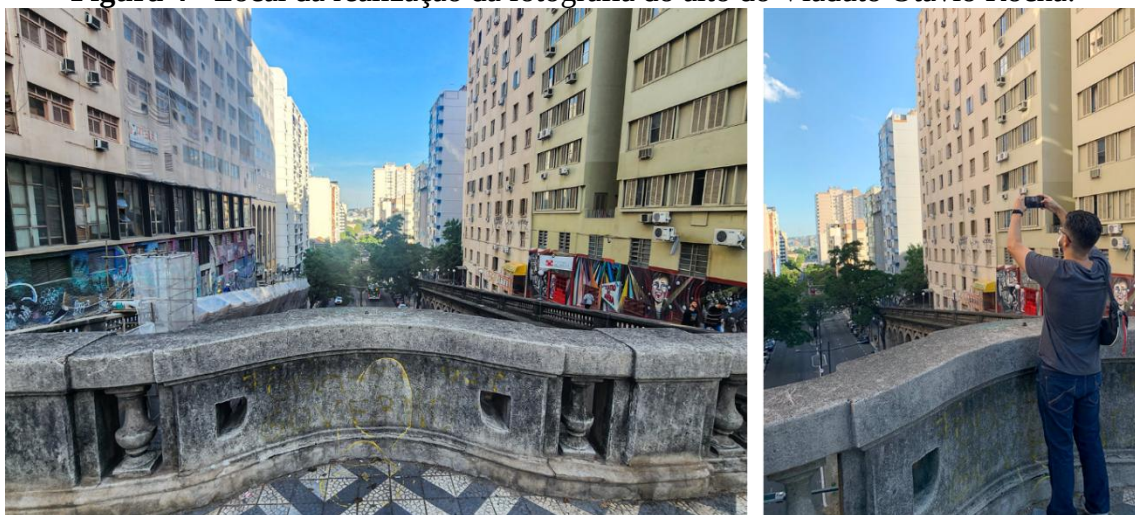
Valendo-se da percepção, reconhecimento e identificação dos elementos arquitetônicos presentes nas imagens fotográficas antigas, e que ainda seguem remanescentes nesses lugares, é que foi possível recriá-las. A utilização de casas, de prédios, de ruas, de viadutos, de monumentos e de outras formas arquitetônicas como parâmetros, para a averiguação do local, da distância e do equipamento utilizado pelos fotógrafos do passado como referências. A observação das fotografias antigas serviu para desvendar as estratégias e técnica fotográficas utilizadas para registrar a cidade, bem como serviu também como forma de decifração da própria cidade.

A cidade suscita outros sentidos, além da visão, para a sua apreensão. Juhani Pallasmaa propõe que, “todos os sentidos, incluindo a visão, são extensões do tato; os sentidos são especializações do tecido cutâneo, e todas as experiências sensoriais são variantes do tato e, portanto, relacionadas à tatilidade” (2012:10). Estar na cidade se

¹⁰ César Vieira e Airton Cattani, apontam que para realização de fotografias de cidade são necessários “sensibilidade, conhecimentos técnicos, controle dos equipamentos e uma intenção: oferecer uma compreensão daquela cena urbana, capturar uma característica da cidade, algum pormenor, algum detalhe da cidade” (2014:311).

configura em uma experiência sensorial e fenomenológica, estar fotografando na cidade acaba por ser ainda mais. A observação da cidade a partir do equipamento fotográfico, impreterivelmente, determina um recorte no campo da visão. O enquadramento do sentido visual motiva o afloramento dos demais sentidos para um melhor registro da cidade. A totalidade e a sensibilidade contribuem para apreensão e, a posterior, a narração da cidade por imagens.

Figura 4 - Local da realização da fotografia do alto do Viaduto Otávio Rocha.



Fotos: Guillermo Gomez, 2022.

Deste modo, a experiência de estar em campo fotografando (Figura 4) leva a uma abordagem fenomenológica ao se pesquisar a cidade e na cidade. Maurice Merleau-Ponty (2006) coloca a fenomenologia como um relato do espaço, do tempo, do mundo vivido. Uma tentativa de descrição direta da experiência tal como ela é, um acesso ao fenômeno, não uma explicação que possa ser dada, mas uma maneira para o descrever. Alfred Schutz (1979) aponta a intersubjetividade do pensamento e a ação como importantes para uma abordagem fenomenológica. A comunicação através de símbolos e signos, a cidade com vida própria e em relação com seu tempo e seu espaço. O entendimento dos indivíduos e os seus feitos, objetos sociais e culturais. A própria cidade podendo ser pensada como um feito humano, uma construção social detentora de significados e modo de ser específico.

O que sobra do mundo depois dessa “colocação entre parênteses”? Nada mais nada menos que a totalidade concreta da corrente de nossa experiência, contendo todas as nossas percepções, reflexões e cogitações. E, como essas cogitações continuam a ser intencionais, seus “objetos intencionais” correspondentes também persistem entre parênteses. Mas não devem ser, de modo algum, identificados com os objetos instituídos. São apenas “aparências”, fenômenos e, como tais, mais “unidades” ou “sentidos” (“significados”). O método da redução fenomenológica, portanto, dá acesso à corrente de consciência em si, como um reino próprio, de natureza

absolutamente única. Podemos vivenciá-la e descrever sua estrutura interna. (Schutz, 1979: 59).

A estrutura da experiência varia conforme o fluxo da duração. Pode-se vivenciar o movimento da mudança múltipla constante, como um fenômeno da experiência da vida interior, ou se pode conceber esse movimento como um evento que pode ser dividido e distribuído no espaço homogêneo. No último caso, não se capta a essência desse movimento que está sempre por vir e acabando de passar. Ao invés disso se capta o movimento que cessou, não o movimento em si, mas meramente o espaço percorrido nesse movimento. Eis o desafio de se refotografar as imagens do passado, não para fazer meramente um antes e depois dos locais, e sim a tentativa de captar o devir, a cidade em movimento. A refiguração do palimpsesto fotográfico urbano (Figura 1) pode vir a ser um modo de reapresentar a dinâmica do fenômeno urbano, ao criar uma nova imagem sobre a cidade.

Gaston Bachelard (1996) apresenta a imagem poética, que por sua novidade, tem seu ser próprio, dinâmico, que advém de uma ontologia direta. A imagem poética escapa a causalidade, é motivada, porém ela não explica o processo de criação inesperado da nova imagem, nem explica a adesão que ela suscita a alguém não envolvido em seu processo de criação. A comunicabilidade que uma imagem carrega é um fato de grande significação ontológica. É possível realizar uma correlação entre a imagem poética e a refiguração do palimpsesto fotográfico urbano e a capacidade que ela tem de carregar em si uma grande significação ontológica em sua *escritura com imagens*, além do seu caráter de suscitar novas imagens e leituras em que as vê.

Portanto, a perspectiva de se estar produzindo imagens sobre a cidade, na cidade, torna-se imprescindível a possibilidade de, além da própria obtenção das imagens, apreensão da experiência de se estar na cidade a partir da descrição, tanto dos processos para a realização sobre a fotografia, quanto dos contextos e pressupostos que a cidade impõe. Assim, é a partir da percepção subjetiva do pesquisador que a experiência apreendida sobre o fenômeno urbano pode ser transmitida e partilhada em imagens.

Etnografia de Rua

Para a realização de *escrituras com imagens* sobre a cidade é imprescindível estar na cidade. Desse modo, uma etnografia de rua acaba sendo um método eficaz para se pesquisar, experimentar e descrever a urbe.

A etnografia de rua aqui é um deslocamento em sua própria cidade, o que significa dizer, dentro de uma proposta benjaminiana, que ela afirma uma preocupação com a pesquisa antropológica a partir do paradigma estético na interpretação das formas da vida social na cidade. Um investimento que contempla uma reciprocidade cognitiva como uma das fontes de investigação, a própria retórica analítica do pesquisador em seu diálogo com o seu objeto de pesquisa, a cidade e seus habitantes. Uma vez que tal retórica é portadora de tensões entre uma tradição de pensamento científico e as representações coletivas próprias que a cidade coloca em cena, o pesquisador constrói o seu conhecimento da vida urbana na e pela imagem que ele compartilha, ou não, com os indivíduos e/ou grupos sociais por ele investigados. (Eckert e Rocha, 2013b: 22-23).

A mobgrafia¹¹, em certa medida, mostrou-se uma forma rápida e segura para fotografar e se deslocar pela cidade. A câmera digital, por vezes demanda uma outra temporalidade para o registro das imagens, bem como o auxílio de um tripé para ajudar no registro da composição, o que, infelizmente, em centros urbanos, torna o fotógrafo um alvo vulnerável. O celular mostrou-se mais dinâmico, sem grandes perdas, tanto do ponto de vista das óticas, quanto de resolução, para efetuação das fotografias de cidade.

Figura 5 - Palimpsesto fotográfico urbano do Viaduto Otávio Rocha concluído.¹²



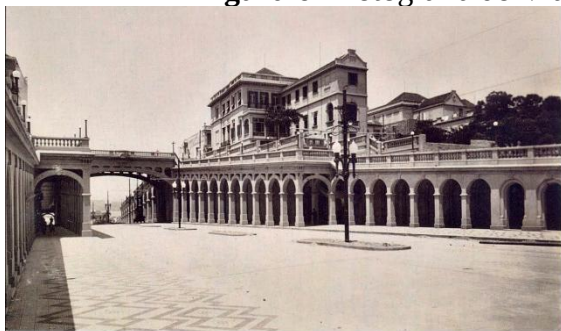
Fonte: Felipe Rodrigues, 2023.

¹¹ Fotografia realizada a partir de aparelhos “mobiles” (dispositivos celulares). O aparelho utilizado foi um celular *Samsung Galaxy S22 Ultra* que contém quatro câmeras: 13mm (*ultrawide*); 24mm (*grande-angular*); 70mm (*telefoto*); e 230mm (*telefoto periscópica*), com até 108 MP de resolução.

<https://www.samsung.com/br/smartphones/galaxy-s22-ultra/specs/>

¹² Link: <https://www.acervosbiev.com/colecoes-fotograficas/palimpsesto-fotografico-urbano-do-viaduto-otavio-rocha-concluido/>

Figura 6 - Fotografia do Viaduto Otávio Rocha concluído.



Fonte: Acervo BIEV, autor desconhecido, década 1930

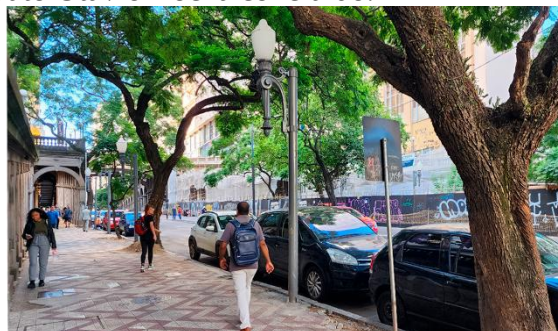


Foto: Felipe Rodrigues, 2023.

Carros e pessoas transitando animam a *reapresentação* do Viaduto Otávio Rocha (Figura 5), passando alheios à presença do pesquisador, parado na calçada, na tentativa de reenquadrar o tempo ao replicar a fotografia do passado (Figura 6). Nesta *escritura com imagens* outros elementos, além dos arquitetônicos, aparecem. As árvores, justamente as arvores, as quais obstruem a visão do Viaduto na fotografia do presente, acabam servindo de pano de fundo para o ressurgimento do casarão, no alto do Viaduto na refiguração do palimpsesto fotográfico urbano.

Figura 7 - Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, autor desconhecido, década de 1910.



Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo.

Elementos do cotidiano, antes quase despercebidos, revelam-se aos poucos nas imagens do passado. Na fotografia do prédio da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (Figura 7), o que a princípio se mostrou como uma fotografia de arquitetura, ressaltando as formas e linhas arquitetônicas do prédio. Uma imagem muito técnica, com a convergência do prédio e uma boa distribuição do volume do ente arquitetônico na imagem. Uma retratação quase que limpa, a não ser pela esquina, da rua General Câmara, que desce em direção à Praça da Alfândega, e a rua Riachuelo, que passa em frente a Biblioteca, vinda da recém aberta Av. Borges de Medeiros.

Experenciando *in loco* esta esquina torna-se mais claro a percepção do movimento dos carros, ambos entrando na cena, um subindo e o outro descendo a rua, as seis pessoas que estão retratadas na imagem, com destaque para o casal de pedestres dobrando a esquina, devolvem o cotidiano a retratação e a conexão dela com o tema urbano. Dessa forma, a imagem fotográfica passa a falar mais sobre a cidade do que apenas sobre o prédio. A localização do prédio na atualidade, sem grandes interferências, propiciou de forma satisfatória a realização da fotografia no presente (Figura 8).

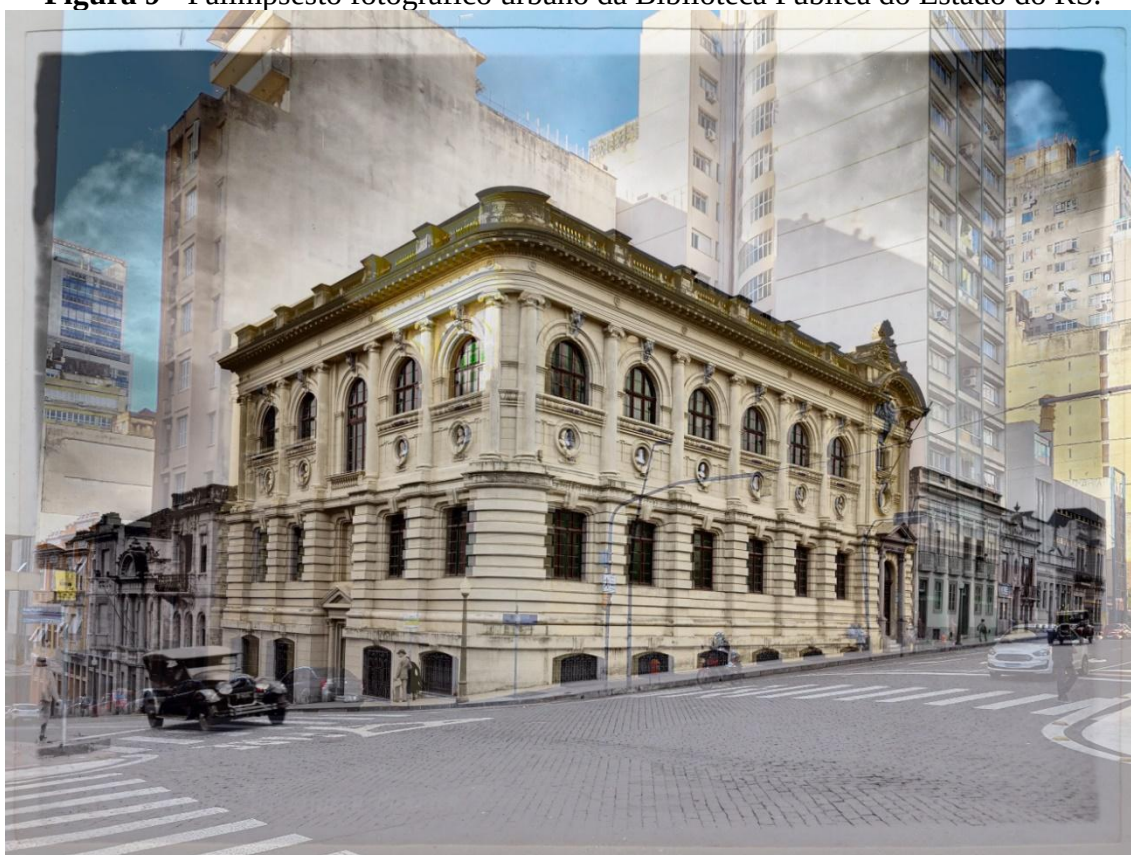
Figura 8 - Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, 2023.



Foto: Felipe Rodrigues, 2023.

No presente, quase a mesma cena, poucas pessoas transitando na rua, agora uma motocicleta dobra a esquina, um pedestre atravessa rua e, curiosamente, um carro entrando na cena, quase no mesmo local da fotografia do passado, porém outrora um Ford Bigode, agora, um Ford Fiesta. Contudo, percebe-se que a cidade cresceu por de trás da biblioteca, cobriu o horizonte. A refiguração do palimpsesto fotográfico urbano da Biblioteca acaba por revelar a cidade (Figura 9), tanto ao evidenciar o que se transformou, mas deixou rastro, quanto ao ressaltar o que segue presente na forma e no cotidiano da cidade. O trânsito dos carros, os itinerários dos habitantes e o prédio da biblioteca em si, duram no tempo, apesar da dinâmica das transformações urbanas.

Figura 9 - Palimpsesto fotográfico urbano da Biblioteca Pública do Estado do RS.



Fonte: Felipe Rodrigues, 2023. ¹³

Duração

A revelação de aspectos, ocultos ou, pelo menos, nem sempre visíveis da cidade foi algo que se desvelou em quase todas as refigurações dos palimpsestos fotográficos urbanos criados de uma maneira muito interessante. A fotografia do topo da escadaria da

¹³Link: <https://www.acervosbiev.com/colecoes-fotograficas/palimpsesto-fotografico-urbano-praca-da-matriz-biblioteca-publica-do-rs/>

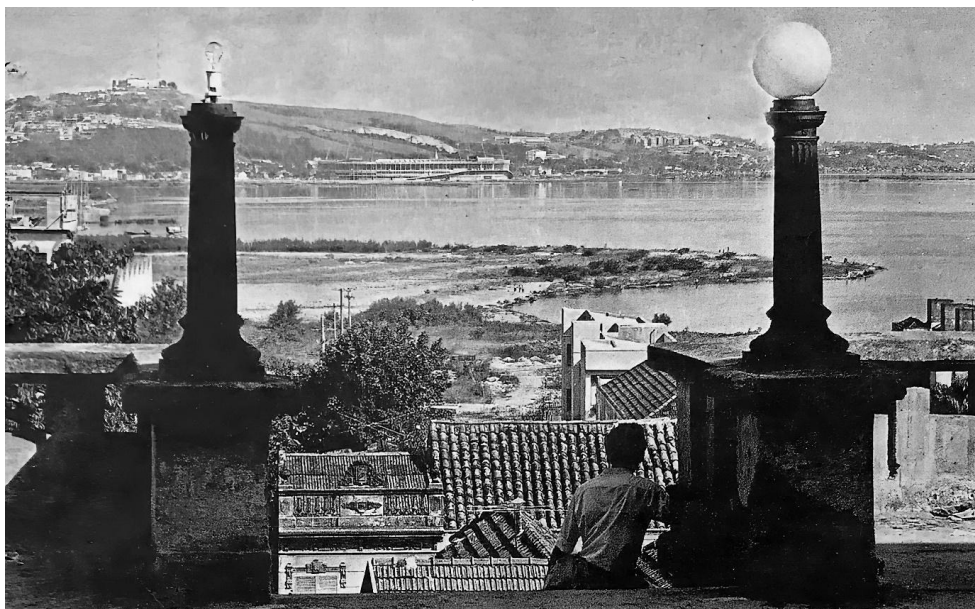
rua João Manoel evidencia isso. Atualmente a escadaria é uma passagem que liga a rua Duque de Caxias e a rua Cel. Fernando Machado (Figura 10), mas que no passado era um ótimo ponto de vista para a observação dos processos de transformações urbanas que ocorriam em Porto Alegre na década de 1970 (Figura 11).

Figura 10 - Vista do topo da escadaria da Rua João Manoel, 2023.



Foto: Felipe Rodrigues, 2023

Figura 11 - Visão que se tinha do alto da escadaria da rua João Manoel, autor desconhecido, década de 1970.

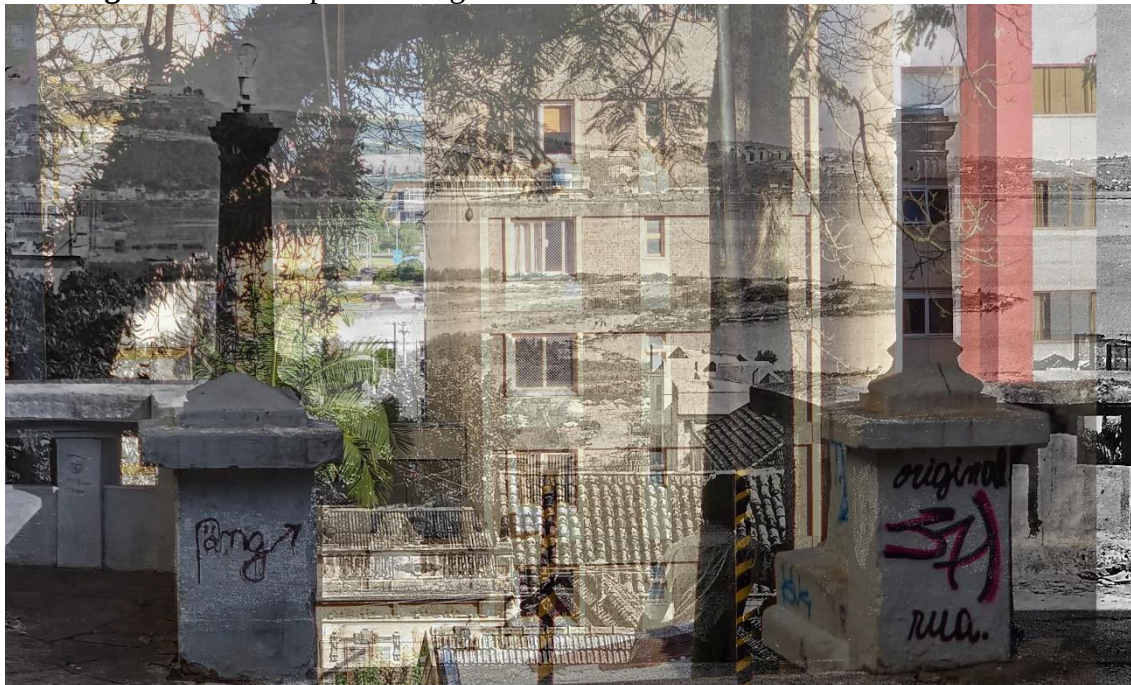


Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo,

A refiguração do palimpsesto fotográfico urbano desta escadaria perpassa o paredão de edifícios que se ergueu encobrendo a vista em direção à Zona Sul da cidade (Figura 12). O horizonte, que na fotografia atual aparece apenas como uma nesga, revela-

se na *reapresentação* da escadaria. Diferentemente dos postes de luz, o horizonte não foi suprimido da cidade, apenas ocultado pelas diversas camadas de edificações que se entrepuseram entre ele e a escadaria ao longo do tempo.

Figura 12 - Palimpsesto fotográfico urbano da escadaria da rua João Manoel.



Fonte: Felipe Rodrigues, 2023. ¹⁴

Conclusão

As *escrituras com imagens* mostram-se capazes de desvelar as camadas de tempo depositadas nos espaços, possibilitando a realização de uma *raspagem* nas formas da cidade: palimpsestos. A refiguração dos palimpsestos que já estavam presentes na cidade, pode ser entendida como uma forma de reenarrar o tempo através da superposição de imagens fotográficas. Os palimpsestos fotográficos urbanos evidenciam, além das transformações ocorridas na forma da cidade, o cotidiano de seus habitantes. A fantasmagoria já não é apenas dos elementos do passado marcados na representação do presente, mas agora também das pessoas do presente transitando pela cidade do passado. Pessoas, do passado e do presente, caminhando juntas pela rua dos Andradas ou Rua da Praia.

O embaralhamento dos habitantes da cidade em tempos distintos transitando na calçada em frente à sede do jornal Correio do Povo, na esquina da Rua das Andradas com

¹⁴Link: <https://www.acervosbiev.com/colecoes-fotograficas/palimpsesto-fotografico-urbano-praca-da-matriz-escadaria-da-rua-joao-manuel/>

a antiga rua Paysandú (Figura 13), atual rua Caldas Júnior (Figura 14). Pessoas, do passado e do presente, atravessando a rua em meio aos veículos que passam por ali, uma cena tão cotidiana que une as duas representações e traz evidências de que, apesar da heterocronia dos dois registros, o ritmo da cidade, de certa forma, continua sendo o mesmo (Figura 13).

Figura 13 - Andradas esquina com a Rua Paysandú, autor desconhecido, década de 1920.



Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo.

Figura 14 - Andradas esquina com a Rua Caldas Junior, 2023.



Foto: Felipe Rodrigues, 2023.

Figura 15 - Palimpsesto fotográfico urbano da Rua dos Andradas com a rua Caldas



Júnior. **Fonte:** Felipe Rodrigues, 2023. ¹⁵

As escrituras com imagens como um processo de narração da memória e uma reconstituição do cotidiano, da e na cidade, através de fotografias, que resultam na criação

¹⁵ Link: <https://www.acervosbiev.com/colecoes-fotograficas/palimpsesto-fotografico-urbano-andradas/>

de uma nova imagem urbana. Uma imagem que abre “possibilidades de futuro” (SANTOS, 1999, p.16), pois sempre será possível a adição de mais camadas ao palimpsesto fotográfico urbano. Deste modo, ao mesmo tempo que narra uma rítmica temporal urbana, essa nova imagem criada se configura como um devir.

A refiguração do palimpsesto fotográfico urbano pode se configurar, portanto, como uma paisagem sobre a cidade. Uma paisagem urbana. Recuperando a noção de que as fotografias que a compõem são fragmentos, tanto da cidade, quanto de uma parcela de tempo.

Para a paisagem, é justamente essencial a demarcação, o ser-abarcada num horizonte momentâneo ou duradouro; a sua base material ou os seus fragmentos singulares podem, sem mais, surgir como natureza - mas, apresentada como "paisagem", exige um ser-para-si talvez óptico, talvez estético, talvez impressionista, um esquivar-se singular e característico a essa unidade impartível da natureza, em que cada porção só pode ser um ponto de passagem para as forças totais da existência. (SIMMEL, 2009, p.7)

A paisagem, decorrente de um processo de criação motivado, mas ao mesmo tempo uma questão de observação e interpretação, como ela se dá a ver, ou a ler. A apreensão da paisagem, a partir da percepção do indivíduo em relação à natureza, que também pode ser pensado também em relação a cidade, e as formas que o cercam, fragmentando em pedaços e logo religando-os ao todo através de uma nova instância perceptiva. Assim, as possíveis narrativas advindas das *escrituras com imagens* também são motivadas segundo a percepção e intenção de quem as acessa, tal qual ocorre em relação à paisagem.

Como seres humanos integrais, estamos perante a paisagem, natural ou artística, e o acto que para nós a suscita é, de forma imediata, contemplativo e afectivo, que só na reflexão ulterior se cinde nestas particularidades. Artista é tão-só aquele que realiza este acto plasmador do ver e do sentir com tal limpidez e força que absorve integralmente em si o material fornecido pela natureza e o recria como que a partir de si; enquanto nós, os outros, permanecemos mais atados a este material e, por isso, costumamos sempre perceber este ou aquele elemento particular, onde o artista efectivamente apenas vê e modela uma “paisagem”. (Simmel, 2009, p.17)

Por fim, o processo de leitura das *escrituras com imagens* suscitaria a imaginação de quem as lê, recriando um imaginário sobre a cidade, seus lugares, seus elementos, seus indivíduos, suas práticas e suas memórias. *Escrever com imagens* para reter memórias da cidade. Palimpsestos fotográficos urbanos carregando em si reminiscências e provocações para o futuro da cidade.

Referências

- BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo, *Martins Fontes*, 1996.
- BENJAMIN, Walter. Passagens. 2a ed. Belo Horizonte, *Editora UFMG*, 2009.
- CAUDURO, Flávio. V. Design gráfico & pós-modernidade. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v.7 n.13, 127-139, 2008. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2000.13.3088>
- CORBOZ, André. De la ville au patrimoine urbain: Histoires de forme et de sens. Québec, *PUQ*, 2009.
- CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, *Editora Vozes*, 1998.
- DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. 2 ed. Campinas, *Papirus*, 1998.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana. L. C. Memória Coletiva e Etnografia Da Duração: Antropologia das Imagens Sobre o Viver Urbano e Identidades Narrativas. In: 17º CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 17., 2015, Porto Alegre. *Anais [...]* Porto Alegre: Programa de Pós Graduação em Sociologia/UFRGS, 2015.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana. L. C. Etnografia da Duração: antropologias das memórias coletivas nas coleções etnográficas. 1. ed. Porto Alegre, *Marcavisual*, 2013a.
- ECKERT, Cornelia.; ROCHA, Ana. L. C. Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana. Porto Alegre, *Ed. UFRGS*, 2013b.
- GOMES, Luís. Novo empreendimento de 41 andares no Centro fará sombra no Palácio Piratini. *Sul21*, 29 ago. 2023. Geral.
- HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. 17. ed. São Paulo, *Edições Loyola*, 2008.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo, *Martins Fontes*, 2006.
- PESAVENTO, Sandra. J. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. *Esboços (UFSC)*, Florianópolis, v. 11, n. 11, 25-30, 2004.
- RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Campinas, *SP Papirus*, 1995.
- RICOEUR, Paul. Arquitectura y narratividad. *Arquitectonics: Mind, Land & Society*, Edicions UPC, Barcelona, n. 3, 9-29, 2003.
- RODRIGUES, Felipe. S. *Escrituras com imagens: refigurando os palimpsestos fotográficos urbanos de Porto Alegre/RS como uma proposta de método para a leitura da cidade*. 2023. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

SANTOS, M. Território e o saber local: algumas categorias de análise. In: *Cadernos IPPUR*, ano XIII, n 2, 15 – 26, 1999.

SCHUTZ, Alfred. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro, *ZAHAR*, 1979.

SIMMEL, G. A Filosofia da Paisagem. Tradução de Artur Morão. Covilhã, *LusoSofia: Press*, 2009.

VIEIRA, César. B. DE M; CATTANI, Airton. A fotografia de Cidade. In: Org.CELIA F. S. *Ideias em circulação na construção das cidades*. Porto Alegre, Marca Visual, 311–332. 2014.